

A PRÁTICA DE JOGOS TEATRAIS PARA O DESENVOLVIMENTO DA ESPONTANEIDADE E A INTERAÇÃO DOS ALUNOS NO ENSINO FUNDAMENTAL II

Giovana Cruz, ARCA¹

Prof.ª Msc. Mary Fátima Gomes, RODRIGUES

RESUMO

Esta pesquisa teve como proposta apresentar que através do teatro os educandos tem a oportunidade de aprender técnicas de maneira atrativa. A prática teatral favorece experiências que vão além do processo de integração e do enriquecimento da criatividade. A vivência teatral promove a ampliação da visão de mundo, estimula e desenvolve a consciência cultural e auxilia o indivíduo a se organizar em grupo, desenvolvendo a consciência da coletividade. O teatro também permite a vivência de experiências sensoriais diversas, onde, a partir dos jogos teatrais, o jogador pode se posicionar em estado de simulação, envolvendo nessa realidade paralela do jogo, suas emoções, conceitos e valores.

PALAVRAS-CHAVE:

Jogos Teatrais; Espontaneidade; Interação; Arte.

1. Introdução

O Teatro é uma linguagem artística muito antiga e que englobado ao currículo escolar, tem por objetivo dar ferramentas para o aluno se expressar artisticamente, entender a si próprio, o outro e ao mundo que o cerca, para refletir, expressar e analisar seu contexto, para informar e aprender. Reverbel (1989) define que "Imitando, criando ou recriando, o aluno descobre seus dois mundos – o interior e o exterior. É do encontro desses dois mundos que nasce a expressão." (REVERBEL, 1989, p. 38).

O educador deve explorar o teatro dentro da sala de aula e com o objetivo primeiro de desenvolver: as capacidades de expressão do aluno, o relacionamento com o grupo, a espontaneidade, a imaginação, a observação e a percepção, as

¹ Departamento de Arte – FIRA-Faculdades Integradas Regionais de Avaré – 18700-902 – Avaré-SP – Brasil – e-mail gigi.arca@outlook.com

quais são próprias do ser humano, mas necessitam ser estimuladas e desenvolvidas.

No decorrer dos estudos houve a procura em ampliar os conhecimentos sobre o teatro, sendo este, considerado uma das linguagens artísticas de grande importância, e descobrir o valor que os jogos teatrais possuem, pois através deles os educadores podem proporcionar um melhor desenvolvimento e aproveitamento aos seus educandos, trata-se de um desafio, especialmente aos educadores, implicando na busca de novas possibilidades, envolvendo transformações e reformulações metodológicas, em direção a um novo pensar. Boal apud Guerra (2010) acredita que "Pode ser que o teatro não seja revolucionário em si mesmo, mas não tenham dúvidas; é um ensaio da revolução" (p. 113).

Neste contexto pode-se utilizar a ferramenta existente dentro do teatro "os jogos teatrais", auxiliando o educador à instigar os alunos a liberdade de expressão física, momento em que criamos um caminho para o desconhecido e para a intuição.

2. O Teatro na Escola

Já nos primeiros meses de vida, o bebê se manifesta com movimentos, mudanças de fisionomias, choros, sorrisos, gritos entre outros, iniciando seu primeiro contato com o mundo, aos poucos começa a se manifestar utilizando as palavras, dando início às descobertas que virão posteriormente.

A criança ao chegar à educação infantil, conta com o educador, que tem o papel de observar e direcionar as mudanças de comportamento em todas as esferas. Reverbel (1989) afirma que "as manifestações expressivas da criança são percebidas e orientadas pelo professor, a quem cabe acompanhar e orientar as mudanças de comportamento do aluno, estimulando seu desenvolvimento cognitivo, psicomotor e afetivo" (p. 18-19).

Os alunos das séries finais do Ensino Fundamental, encontram-se no período da adolescência, mais especificamente, estão entrando nessa fase de crescimento e desenvolvimento humano, marcada por grandes mudanças em todos os aspectos. Diante das transformações, nas quais esses jovens estão inseridos, o educador deve tratá-las com importância, pois seus impactos podem se tornar permanentes, conscientizando-se das reais necessidades dos alunos. O professor poderá

desenvolver seu planejamento, adequando as atividades a serem desenvolvidas dentro do perfil demonstrado e apresentado pelos seus próprios alunos.

Com isso, o teatro torna-se excelente ferramenta na educação, pois tem um importante papel na formação comportamental do aluno, por sua vez também é considerado um conhecimento integrador de diferentes saberes, não sendo apenas uma expressão teórica ou executora de técnicas, dando a possibilidade para que o educando possa se divertir e usar sua criatividade, seja aprendendo ou ensinando.

Reafirmando o teatro como ferramenta eficaz na educação, Japiassu (2006) nos remete: "O teatro na educação, ainda hoje, é pensado exclusivamente como um meio eficaz para alcançar conteúdos disciplinares extras teatrais ou objetivos pedagógicos muito amplos como, por exemplo, o desenvolvimento da "criatividade"" (JAPIASSU, 2006, p.23).

Guerra (2010) esclarece:

O teatro na educação não tem como objetivo a formação de atores, apresentação de espetáculos, e muito menos o "teatrinho" a serviço da compreensão de outros componentes curriculares, assim como representações vazias de significado em comemorações de datas cívicas ou festinhas escolares. Trata-se de um letramento, de uma alfabetização artística e estética na linguagem cênica, cujos focos são a produção e a leitura dos signos gestuais, acompanhados da história da dramaturgia. Teatro visto como área de conhecimento e linguagem (GUERRA, 2010, p. 114).

Portanto o objetivo não é criar uma oficina de atores mirins e tão pouco apresentações festivas, como: o dia do índio, o dia das mães, final de ano letivo, etc., mas sim proporcionar o desenvolvimento emocional, corporal e linguístico para além das paredes escolares.

2.1. Jogos Teatrais e seus Direcionamentos

Jogos teatrais é um termo utilizado em português para designar qualquer estrutura de jogo que possa ser utilizado no teatro. Os jogos teatrais não são quaisquer jogos, mas uma preparação e vivência da prática teatral, são estruturas operacionais que procuram sintetizar as convenções da interpretação teatral e de suas técnicas dentro da forma de jogos. Cada jogo é construído a partir de

um foco específico, desenvolvido a partir de instruções que levam o jogador a desenvolver questões específicas da prática teatral.

Japiassu (2006) nos remete:

No jogo dramático entre sujeitos, portanto, todos são fazedores da situação imaginária, todos são atores. No jogo teatral, o grupo que joga pode se divertir em equipes que se alternam nas funções de jogadores e de observadores isto é, os sujeitos jogam deliberadamente para outros que observam. (p.25).

Partindo do pensamento e argumentação de Japiassu (2006), fica evidente a necessidade das atividades dramáticas como uma possibilidade da iniciação ao teatro, pois é a partir das atividades que os alunos começam a ganhar e desenvolver sua liberdade e auto expressão, assim aos poucos eles passam a ser mais ativos, respeitando os colegas e criando um momento de descoberta do próprio interior.

Os jogos teatrais são atividades que permitem que a liberdade seja exercida, proporcionando a expressão dos alunos, sua interação uns com os outros, o desenvolvimento da autoconfiança, da coletividade, o respeito com as diferenças e limitações de cada colega, além de levar a reflexão e a solução de problemas. "Os jogos são sociais, baseados em problemas a serem solucionados. O problema a ser solucionado é objeto do jogo." (KOUDELA, 2006, p.43)

Sabemos que utilizamos naturalmente da atuação, da criação de um personagem e de uma situação quando brincamos de "faz-de-conta". Diante disso, os jogos teatrais são formas didáticas e inerentes à própria criança, de despertar o interesse dos alunos pelas aulas, visto que isso já faz parte do cotidiano delas, e àquelas que são mais introvertidas, ao seu tempo e ao seu modo, criam uma relação de afetividade e confiança maior com os colegas e consigo, fazendo com que toda a turma cresça no aprendizado. A liberdade que os jogos despertam, instiga a imaginação e a criatividade. "O jogo teatral não é uma extensão da vida corrente". (KOUDELA, 2006, p.44).

Cada jogo teatral possui suas regras, e aprender a seguir as normas estabelecidas, a respeitar sua vez e respeitar o andamento do jogo, ajuda a reger os educandos, o que é fundamental para que se desenvolvam completamente em todas as disciplinas.

Qualquer jogo tradicional é realizado a partir de um certo número de regras, aceitas para colocá-lo em movimento. As regras estabelecidas entre os jogadores determinam uma relação de parceria, que implica observação de determinadas leis que asseguram a reciprocidade dos meios empregados para ganhar. (KOUDELA, 2006, p.73)

Apesar das regras, os jogos não seguem um modelo engessado, muito se utiliza da improvisação e da espontaneidade. Isso é muito importante, pois os jogadores se sentem mais à vontade, sem o medo de errar, de ser taxado, julgado, afinal é um jogo, uma brincadeira que no final do processo traz uma significação grande no aprendizado e desenvolvimento.

Viola Spolin (2006) alerta a importância de se saber o real significado do termo "espontaneidade" e nos elucida Ingrid Koudela (2006), a espontaneidade não pode se confundir com a livre ação, pois até mesmo os movimentos e expressões corporais são influenciados por estereótipos. "Com grupos iniciantes e também crianças, é fácil verificar que, quando o processo de improvisação é deixado totalmente livre, poucas vezes ele pode ser identificado com ação espontânea". (KOUDELA, 2006, p.51)

2.2. Os Jogos Teatrais no Ensino Fundamental II

Tendo como referência o Currículo do Estado de São Paulo, buscamos nos basear em seus pressupostos e encontramos que a arte foi incorporada nas escolas públicas no Estado de São Paulo, com competências e habilidades a serem desenvolvidas em Artes Visuais, Teatro, Música e Dança definida a partir de um mapa do pensamento curricular, baseado na obra estudo para a superfície e linha de Iole de Freitas (2005), os territórios de conteúdos que apesar de subdivididos, se inter-relacionam, estes são: ²linguagens artísticas, processo de criação, materialidade, forma e conteúdo, mediação cultural, patrimônio cultural e saberes estéticos e culturais.

Partindo da concepção da área um pensamento curricular em arte pode se mover em diferentes territórios da arte e cultura, mapeados como:

² Conforme caderno do professor do Ensino Fundamental Ciclo dois Territórios da Arte é possível utilizá-lo para traçar caminhos que permitam conhecer outros territórios.

Linguagens artísticas, processo de criação, materialidade, forma e conteúdo, mediação cultural, patrimônio cultural, saberes estéticos e culturais. A composição desses territórios oferecem diferentes direções para o estudo, tal qual o traçado de uma cartografia, um mapa de possibilidades com trânsito por entre os saberes, articulando diferentes campos (SEE, 2010, p.147)

Nessa pesquisa nos ateremos a linguagem do Teatro, que tem como perfil a representação, expressão, comunicação e observação.

Neves e Santiago (2009) afirmam que:

Na maioria das escolas brasileiras, principalmente na rede pública de ensino, é oferecida nas grades curriculares, [...] e seus conteúdos estão majoritariamente focados nas atividades vinculadas as artes plásticas. Entre as artes, o teatro é, por excelência, a que exige a presença da pessoa de forma completa: o corpo, a fala, o raciocínio e emoção (NEVES E SANTIAGO, 2009, p. 14).

Ao desenvolver o teatro na escola, é importante lembrar que deve haver um trabalho introdutório, portanto ser desenvolvido ao longo do ano letivo, assim os alunos tem um processo para estabelecerem uma relação de proximidade uns com os outros.

Conforme nos relata Guerra (2010):

Para tanto, alunos e professores devem sentir-se "cumplices" no trabalho. Além da necessidade de grande envolvimento e afetividade, é fundamental que as atividades cênicas só tenham início quando o professor perceber que seu grupo tem um relacionamento razoável, pois, como nenhuma outra linguagem, o teatro expõe as pessoas que dele participam. Portanto, recomenda-se que as artes dramáticas não aconteçam logo no início do ano letivo, quando os alunos ainda não se conhecem ou não estabeleceram vínculos afetivos mais fortes entre si. A presença na sala de pessoas estranhas ao grupo também poderá inibir alguns deles. Uma outra recomendação é que, inicialmente, nenhum aluno seja forçado a representar. Para algumas pessoas, expor-se publicamente pode ser um ato de violência. Aos poucos, por meio dos jogos, exercícios, improvisações e muito incentivo do professor, cada um, dentro de suas possibilidades, acabará por tomar parte nas atividades. Alunos que inicialmente se sentirem desconfortáveis na apresentação cênica poderão criar cenários, trilhas sonoras, coreografias, sonoplastia, iluminação, figurinos, maquiagem... Além de, é óbvio, receberem do professor incumbências no que diz respeito à apreciação. (GUERRA, 2010, p. 114-115).

É significativo ressaltar que os alunos estão em um processo de iniciação ao teatro, então o constrangimento e muitas vezes o receio de se sentir num campo de estranhamento ainda estão presentes na vivência de cada um deles, a presença de pessoas que não fazem parte do grupo não é interessante nesse momento.

Cabe ao professor nesse processo, instigar seus alunos partindo dos jogos teatrais, improvisações e exercícios, para que aos poucos se sintam à vontade para tomar parte nas atividades.

Koudela (2006) comenta:

De acordo com os *Parâmetros Curriculares Nacionais*, a experiência do teatro na escola deve ampliar a capacidade de dialogar, desenvolvendo a tolerância e a convivência com a ambiguidade. No processo de construção da linguagem, a criança e o jovem estabelecem com seus pares uma relação de trabalho, combinando sua imaginação criadora com a prática e a consciência na observação de regras de jogo. O teatro como diálogo entre palco e plateia pode se tornar um dos parâmetros de orientação educacional nas aulas de teatro". (KOUDELA, 2006, p. 15).

Toda aula deve iniciar-se com um jogo de aquecimento e concentração, o educador orienta a atividade a ser dada, para que haja compreensão e integração do trabalho que será realizado. "Os detetives" é um jogo teatral oportuno para a iniciação da integração dos alunos.

Coloque a turma em círculo, sentada. Corte tantos quadradinhos de papéis quantos forem os alunos da classe. Em um dos papezinhos escreva "matador" e, em outros cinco, "detetive". Dobre e embaralhe os papéis e distribua um para cada aluno.

As pessoas que recebem o papel com a palavra "matador" terá incumbência de "matar" cada um dos colegas. Ela mata piscando um olho. Assim que alguém receber uma piscada, deverá aguardar alguns segundos e cair no chão, "morto". O matador deverá ser extremamente discreto para que ninguém perceba que é ele quem "mata".

Os alunos que receberam o papel de detetive deveram estar atentos para descobrir quem pisca, mais com cuidado porque, ao olharem para os colegas também poderão ser mortos. Quando um deles descobrir quem é o matador, deverá anunciar para o grupo. Se errar, terá uma segunda chance. Qualquer participante que não for o detetive também poderá denunciar o vilão, mas, se errar, receberá um "castigo" do grupo: interpretar uma personagem, cantar uma música, declamar um poema, fazer uma declaração de amor...

Faça duas ou três rodadas do jogo, trocando os papéis, e depois comentem juntos o exercício, principalmente no tocante ao olhar e à observação, focos da atividade. (GUERRA, 2010, p. 122-123).

É importante que ao final de cada atividade, aconteça um diálogo entre o professor e seus alunos, para que seja discutido tudo que foi aprendido e construído com o jogo. "As atividades propostas terão sempre um encaminhamento voltado para a resolução de problemas, a procura de alternativas, de soluções criativas e estéticas" (GUERRA, 2010, p. 115).

Com isso, consideramos o teatro um agente socializador e participativo no processo, tornando-se um instrumento de auxílio para outras linguagens artísticas, como

também para os demais componentes curriculares e no conhecimento da própria cultura, portanto, nos tornando mais éticos, cidadãos e agentes transformadores.

O teatro na escola possibilita aos educandos, além do conhecimento específico dessa linguagem, um verdadeiro trabalho em grupo e, com isso, melhor capacidade de socialização, de entender o outro, viver situações reais e fictícias, correr riscos, expor-se, buscar soluções, tolerar, respeitar, observar regras, solidarizar-se, comprometer-se, conviver com semelhanças e diferenças. (CENPEC, 2010, p.113).

Dessa forma, jogos teatrais no Ensino Fundamental II refere-se a um exercício e uma experimentação para vida, proporcionando aos alunos o desenvolvimento de sua imaginação, interação, reflexão acerca de situações problemas, espírito de coletividade, expressão corporal; tudo isso de forma lúdica, além de aprenderem sobre a estrutura e o processo que necessita uma peça teatral.

3. Conclusão

A relevância na escolha deste tema foi apresentar que a utilização dos jogos teatrais na vivência dos alunos é um forte instrumento pedagógico, pois o educando passa a quebrar uma série de barreiras de forma bastante atrativa e dinâmica.

Os jogos ajudam no desenvolvimento do raciocínio, na percepção dos sentidos do corpo, na flexibilidade do corpo humano, trabalha a respiração, além de desenvolver a autoconfiança dos alunos e interação social.

O jogo teatral é uma ferramenta para enfrentar obstáculos existentes nos dias atuais na escola, encontrando caminhos para um melhor desenvolvimento social, interativo e de novos saberes.

Guerra afirma:

É um bom momento para refletir sobre valores, atitudes e toda a diversidade cultural da qual é composta a humanidade. Incentivado pelo professor, ele poderá estabelecer relações entre a sua e outras culturas, ampliando conceitos de ética identidade, cidadania e solidariedade humana. (GUERRA, 2010, p. 113).

Portanto, ao introduzir os jogos teatrais, é proporcionar aos alunos formação que reflitam além dos muros da escola, tornando-se muito claro a função que o

teatro exerce na educação, auxiliando outras linguagens da arte, também os demais componentes curriculares, nos tornando mais éticos, cidadãos e agentes transformadores.

4. Referências Bibliográficas

CENPEC. **Ensinar e Aprender Arte. Ensino Fundamental. Ciclo II. Arte.** São Paulo: SEE/FDE, 2010.

JAPIASSU, Ricardo. **Metodologia do Ensino de Arte** / Ricardo Japiassu - Campinas, SP: Papyrus, 5ª Edição 2006.

KOUDELA, Ingrid Dormien. **Jogos Teatrais** / Ingrid Dormien Koudela – São Paulo, SP: Perspectiva: 2006.

NEVES, Libéria Rodrigues. **O uso dos jogos teatrais na educação: Possibilidades diante do fracasso escolar** / Libéria Rodrigues Neves, Ana Lydia Bezerra Santiago. – Campinas, SP: Papyrus, 2009. – (Coleção Ágere).

REVERBEL, Olga. **Um Caminho do Teatro na Escola** / Olga Reverbel - São Paulo, SP: Scipione: 1989.

SÃO PAULO (ESTADO) SECRETARIA DA EDUCAÇÃO. **Currículo do Estado de São Paulo: Linguagens códigos e suas tecnologias.** São Paulo: SEE, 2010.

SPOLIN, Viola. **Jogos Teatrais: o fichário de Viola Spolin** / Viola Spolin: tradução de Ingrid Dormien Koudella. 2 ed. São Paulo, SP: Perspectiva, 2006.